

E.M. Professora Zulma do Rosário Miranda
LÍNGUA PORTUGUESA
Professora: Bernadete
Turma: 6º ano C

Período: 27.04 à 30.04.2020

Módulo 4 – parte 3

Oi gente....

Na atividade anterior vocês se deslumbraram com as aventuras da Pilar na Amazônia, e que tal agora conhecer a continuação pela sua rede mágica?



Um mar de redes

Eu nunca tinha visto um barco assim: três andares repletos de redes coloridas, umas coladas nas outras. Dentro delas, pessoas de todo o Brasil e do mundo. Algumas dormiam, outras jogavam dominó, comiam frutas ou conversavam. De repente, ouvi um miado muito familiar e vi Samba numa rede vermelha, com o focinho enfiado numa cumbuca, no colo de uma garota morena.

– Samba! O que você está comendo, seu gato guloso?! Venha já aqui!

Gatos, porém, são muito rebeldes, e Samba apenas lambeu o beijo, todo roxo. A garota logo sorriu para nós, perguntando:

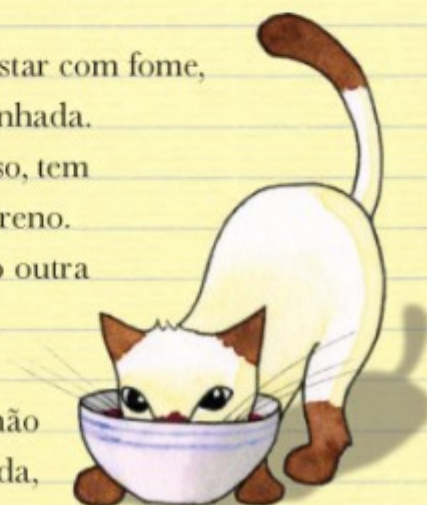
– O gato é seu? Acho que ele gosta de açaí. Tomou minha cumbuca todinha!

– Desculpe. É que... ele devia estar com fome, tentei explicar, um pouco envergonhada.

– O gato da Pilar é sempre guloso, tem um estômago de leão!, implicou Breno.

– Quando o barco parar, busco outra cumbuca de açaí para você. Aliás, meu nome é Pilar. E o seu?

– Eu me chamo Maiara. Mas não precisa se preocupar em buscar nada,



Pilar. Até porque o barco agora só vai parar de novo amanhã!

– Amanhã? Você está brincando, né? Que barco mais demorado é esse? Aliás, que rio enorme é esse?

– Já descemos todo o rio Negro, passamos por Manaus e agora estamos chegando ao encontro das águas, olhem ali!, apontou Maiara.

– Encontro das águas?, eu e Breno nos entreolhamos, sem saber do que ela falava.

– Nunca ouviram falar do encontro do rio Negro com o rio Solimões? É quando eles se juntam que o nosso rio maior passa a ser chamado de Amazonas, contou Maiara.

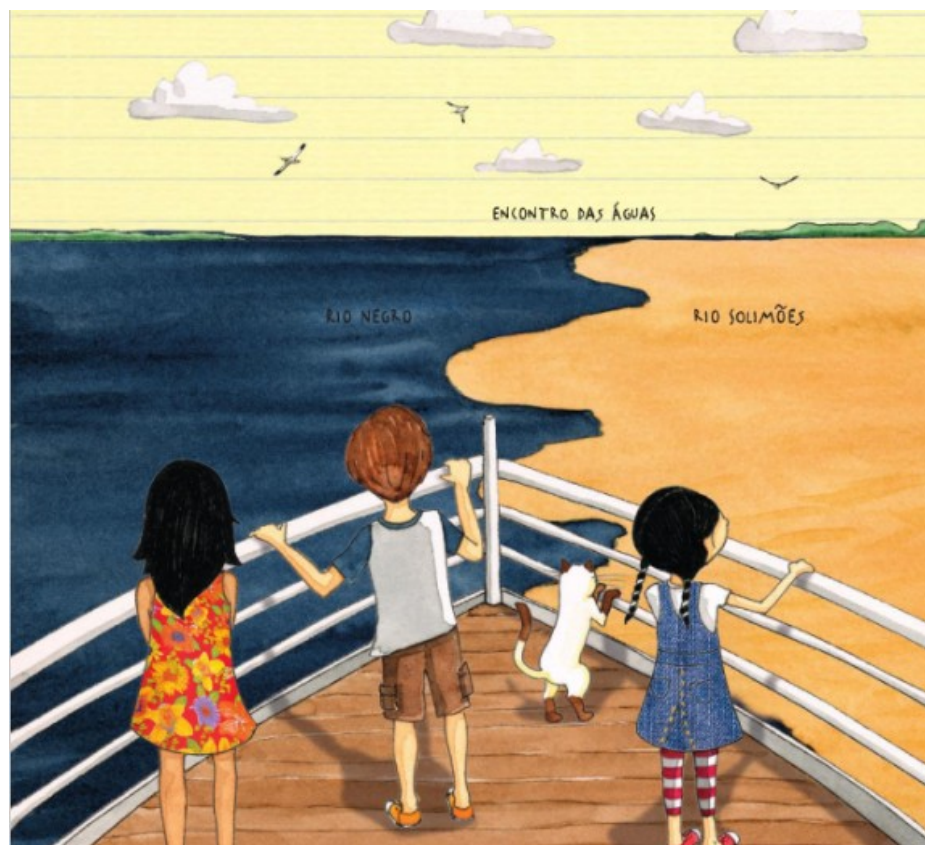
– Amazonas?! Estamos navegando no Amazonas?! O maior rio do mundo! Que incrível!, exclamei, entusiasmada.

– Não sei se é o maior, mas certamente é o que tem mais água!, comentou Breno, com seu jeito técnico e objetivo.

Curiosos, corremos para a proa para ver aquele rio imenso. Bem ali na nossa frente, uma corrente de água escura e outra de água barrenta formavam um rio bicolor debaixo do barco. Que beleza! Na mesma hora, olhei para o meu colar de globo terrestre, querendo descobrir exatamente onde estávamos.

– Que pena que Manaus já ficou para trás. Queria tanto conhecer a capital do Amazonas...

– Você quer conhecer tudo, é, Pilar?, perguntou nossa nova amiga, rindo.



– Se quero. Meu sonho é conhecer o mundo inteirinho: país por país, cidade por cidade.

– O nome disso é gulodice geográfica!, inventou Breno.

Meu amigo até que tinha razão, mas o que eu podia fazer com toda aquela minha curiosidade sem fim? Eu queria mesmo conhecer cada cantinho do globo terrestre, cada comida diferente, cada maneira de viver. Interrompendo meus pensamentos, Breno apontou para a água, intrigado:

– Não acha estranho, Pilar? Por que será que o rio escuro e o barrento não se misturam?

– Vai ver são feito água e azeite, muito diferentes.

– O mais escuro é o rio Negro, e o barrento, o Solimões, explicou Maiara.

Pelo visto, aquela garota sabia tudo da vida ali pelo Amazonas e, com a lista de perguntas transbordando, saí disparando:

– Como você sabe de tudo isso? Você mora aqui perto? De onde vem? Para onde vai?

– Moro em Novo Airão, no alto do rio Negro, mas cismeiei de ver onde o rio termina.

– Ora essa, todo rio termina no mar!, respondeu Breno, sempre muito lógico.

– Mas como é esse tal de mar?, quis saber Maiara.

Foi então que compreendemos que ela nunca tinha visto o mar e começamos a contar:

– É salgado!

– É verde!

– É azul!

– Tem ondas enormes com espuma muito branca!

– Salgado com espuma branca? Preciso conhecer, preciso muito!, disse Maiara, abrindo um sorriso enorme.

Enquanto ela queria conhecer o mar, eu precisava entender mais sobre os rios. Reparando em torno, notei que o Amazonas parece funcionar como uma grande avenida por onde transitam barcos, pessoas, mercadorias, peixes, histórias. Em suas margens, podemos ver casas de madeira bem coloridas, algumas suspensas na água, as palafitas, outras flutuando sobre toras, como jangadas presas à terra. Ali na nossa frente, passavam barcos a remo, barcos a motor, pedaços de árvore e até pedaços de terra desgarrados da margem.



Debaixo do sol forte, comecei a sentir um calor danado. A temperatura devia girar em torno de quarenta graus, sem sopro nem brisa. Saí do sol para a sombra e, mesmo assim, o suor escorria pelo pescoço.

– Acho que este rio é agitado demais para a gente dar um mergulho, né?, perguntei, louca para me refrescar um pouco.

– Que tal um banho de chuveiro?, propôs Maiara, apontando a popa.



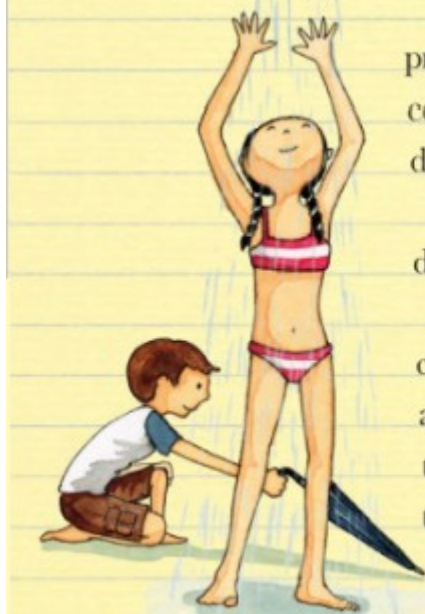
Foi quando vimos três chuveiros ao ar livre. Imediatamente tirei o biquíni do meu superbolso, Breno tirou a camisa e tomamos uma boa ducha a céu aberto. Depois, meu amigo apareceu com um novo invento:

– Prestem atenção! Vocês duas estão presenciando um momento histórico. Vão conhecer o primeiro helicóptero de bolso do mundo! Não é incrível?

– Parece aquele guarda-chuva que era do meu avô e sumiu, comentei.

– Bom, Pilar, ele estava jogado lá num canto, então eu peguei e adaptei. Só que ainda está em fase de testes. Por enquanto, ninguém voou com ele. Mas eu já testei como ventilador! Querem ver?

Breno abriu o guarda-chuva perto de



Maiara, fazendo com que ele girasse com grande potência.

– Que ventinho bom, riu Maiara.

– Mas será que isso pode voar mesmo, Breno? Não vai me pedir para testar, né?, falei, preocupada.

– Na verdade, pensei em testar com Samba!, ele disse.

Sem vontade alguma de ser cobaia daquela invenção, Samba se escondeu no meu superbolso. Sem “voluntários”, Breno voltou a brincar com seu “guarda-vento” e, de repente, começou a maior ventania. Minhas tranças se soltaram e fiquei toda descabelada. Já ia reclamar daquela engenhoca descontrolada quando vi nuvens negras se aproximando, anunciando chuva forte.

– Lá vem tempestade!, confirmou Maiara.

– Pode vir que estou preparado!, disse Breno, apontando seu guarda-chuva para o céu, desafiando a natureza.

– Essa *coisica* aí não dá conta da chuarada não, riu Maiara.

Minutos depois a chuva chegou com toda força, batendo de frente, de lado, de costas. Os marinheiros puxaram a lona que protegia as laterais da gaiola e, mesmo assim, escorria água pelo chão, molhando nossos pés. Cada um correu para a sua rede e Samba, com seu clássico medo de água, miou assustado. Enquanto isso, Breno continuava na popa, todo ensopado, tentando fechar aquele guarda-chuva velho, totalmente inútil em tempestades amazônicas. Mas bateu uma rajada mais forte e o grande invento escapou das mãos de Breno, voando pelos ares.

Fonte: Livro “O Diário de Pilar na Amazônia”, de FLAVIA LINS E SILVA, JOANA PENNA - 2011
<encurtador.com.br/syBCD> Acesso em 17/04/2020.

Que lugar incrível este onde as crianças foram parar, não é mesmo?

Depois de toda essa leitura, **AGORA É COM VOCÊ!**

Acesse a próxima atividade...

